

## 20 anos de actividade com o mesmo objectivo:



A Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos (APAC), actualmente sedeadada no Forte de S. Bruno em Oeiras, nasceu em 1983. Quase 20 anos depois, a APAC continua a alertar para a necessidade de preservar o Património Histórico e Militar, através de diversas iniciativas que obriguem a esta tomada de consciência.

O património edificado como sejam os castelos, fortalezas, praças fortes, atalaias ou estradas romanas é o objecto de estudo desta associação que, não sendo uma instituição interventiva, procura divulgar e alertar

para a salvaguarda do nosso património, junto das entidades com responsabilidades nesta matéria.

Em entrevista à **Pedra & Cal**, Francisco Sousa Lobo, presidente da APAC, dá a conhecer os projectos, as conquistas e os sonhos de uma associação que ainda se considera "muito jovem".

**Pedra & Cal:** A APAC está quase a festejar o vigésimo aniversário. Qual o balanço que faz destes primeiros 20 anos de actividade?

**Francisco Sousa Lobo:** Bem, posso dizer que

o balanço é positivo. Mas também não falta à verdade se afirmar que a APAC, mesmo com quase duas décadas de existência, ainda é uma associação muito jovem. Uma associação demora muitos anos a criar, mas sinto que a APAC está a desempenhar um papel importante. Convém salientar que nós não fazemos marketing nem elaboramos estratégias de divulgação. Portanto, trabalhamos em "silêncio" e esta é a nossa estratégia. É uma rede de divulgação silenciosa. Aliás, achamos que o crescimento rápido é perigoso e efémero. O património é silencioso. São séculos de camadas de actividade de várias pessoas. Portanto, devemos ter uma mentalidade apropriada. Esta não é uma área de intervenção rápida, é uma área que tem de ser lenta, mas consistente. Não pode haver conflitos entre as diversas entidades ligadas ao património. Pode haver divergências, existir oposição, mas não pode haver conflito. Nunca se pode quebrar o diálogo entre entidades do património, porque o património é uma coisa que só pode ser sustentada com a opinião de todos, mesmo sendo contraditória.

**Pedra & Cal:** Ainda assim, a APAC tem conseguido cumprir os seus objectivos. Um desses objectivos passava por atingir os dois mil associados a curto prazo. Actualmente a Associação tem 2200 associados. Qual a estratégia para a motivação?

**F.S.L.:** Penso que está relacionado com a nossa abordagem, com a forma como interagimos com as pessoas. Conseguimos aliciar os nossos associados criando um sistema de visitas de estudo muito intenso, que está a dar resultados excepcionais.

Nós temos, de longe, o maior programa de actividade de todo o país. Não existe nenhu-

## Entrevista ao Engenheiro Francisco Sousa Lobo

# Divulgar o Património Histórico

ma associação ou entidade não governamental que realize o número de eventos que nós realizamos. O que é que fazemos? Criamos um sistema de visitas de estudo em Lisboa, em todo o país, e também no estrangeiro. Possuímos estas três valências (em Lisboa, durante a semana; no resto do país, aos fins-de-semana; e lá fora, todos os trimestres). Este programa permite às pessoas tomarem contacto com o património o suficiente para terem vontade de o proteger. Este é um dos segredos. Por exemplo, posso dizer que vamos à Índia, ao Brasil e a Marrocos todos os anos. Andamos a ver as fortificações na área do Mediterrâneo. As nossas visitas têm também a vantagem de serem acompanhadas pelos técnicos locais. Já formamos várias redes de técnicos em diversas áreas que nos permitem um contacto muito mais próximo com os nossos locais de visita.

**Pedra & Cal:** Mas as visitas de estudo não justificam a entrada de associados na totalidade. Que outras iniciativas poderão levar ao associativismo?

**F.S.L.:** Nós procuramos oferecer um leque variado de opções, todas relacionadas com o Património Histórico. Por exemplo, organizamos todas as quintas-feiras palestras nas instalações, sobre as mais diversas temáticas. O nosso objectivo é envolver as pessoas de todas as áreas de actividade, não temos uma visão elitista do património. Procuramos ser uma estrutura que atravesse a sociedade na horizontal, digamos na diagonal para compreender toda a gente, e defendemos que todos podem desempenhar um papel na preservação do património, mesmo aqueles que têm menores níveis de escolaridade.

Um outro exemplo que ilustra o nosso trabalho são as acções que estamos a levar a cabo junto das Câmaras Municipais. Estamos a tentar, com o apoio das autarquias locais, organizar cursos de formação, cujo objectivo é dotar potenciais "guias" que vivam per-

to dos monumentos e que estejam disponíveis para os vigiar e para os dar a conhecer como pontos turísticos.

A primeira tarefa passa sempre por "entrevistar" estas pessoas e apurar os seus níveis de conhecimento. Suponhamos, que se trata de um homem, analfabeto, de 68 anos, que foi agricultor. Este homem sabe, com certeza, os nomes das plantas, das árvores, das aves e, provavelmente, os nomes da topografia do local, das pedras, da paisagem...

Nós podemos tentar apurar o saber desta pessoa e depois arrumar-lhe as ideias. Por-



tanto, juntar alguma informação de base científica e ensinar a pessoa a "guiar" visitas, baseado nos seus saberes e nos "nossos". Estamos a falar de algumas datas ou alguns nomes de entidades ou reis que tenham a ver com o castelo. Por exemplo, algumas técnicas construtivas, mostrar umas imagens dar a conhecer quais são os pontos fortes daquele monumento.

**Pedra & Cal:** Este projecto está a ser implementado em todo o País?

**F.S.L.:** Por enquanto ainda estamos a iniciar as experiências-piloto. Ainda estamos a apresentar a "ideia", usando alguns argumentos que me parecem importantes: as pessoas que estão nos concelhos podem ser guardas e guias do património, estamos a tentar que sejam os próprios autarcas a pe-

dir-nos a formação necessária porque nós não temos, neste momento verbas disponíveis. Por outro lado, é necessário que esta iniciativa seja divulgada, porque estas coisas só avançam na prática quando começa a haver massa crítica. Outra necessidade passa por fazer planos de manutenção e conservação para os espaços fortificados. Ora o que é um plano de manutenção e conservação? No fundo é passar para papel e rever de uma forma muito concreta os sistemas de conservação e manutenção desses espaços que são os castelos e as fortalezas. Normalmente as autarquias ou o próprio IPPAR têm algu-

*Não pode haver conflitos entre as diversas entidades ligadas ao património. Pode haver divergências, existir oposição, mas não pode haver conflito.*

mas soluções expeditas para tentar conservar as muralhas, ou os espaços interiores aos fossos, mas não têm uma rotina instalada. É fundamental avaliar todas as forças disponíveis: quais são as tarefas que têm de ser feitas e podem ser feitas por empresas especializadas? quais são as tarefas que podem ser feitas pela estrutura da própria autarquia? e quais são as tarefas que vão ser entregues aos voluntários? E isto tem de ser feito de uma forma organizada.

O que temos tentado fazer é esta conjugação de esforços, em que as pessoas se comprometem a fazer determinadas tarefas, em determinadas alturas do ano, de uma forma planeada.

Isto é um passo enorme em frente porque se percorrer o país, repara que a conservação

de rotina, a manutenção dos castelos e das fortalezas é feita de forma errática. Como se sabe... lá se lança uma campanha, lá se faz uns restauros, e depois aquilo vai decaindo outra vez. Nem sempre as coisas se mantêm. São raros os castelos e fortalezas que têm uma manutenção permanente. A manutenção permanente seria feita até ao grau de disponibilidade possível. Não estou a falar de intervenções de restauro e conservação técnica que já é muito mais profundo. Estou a falar daquilo que se passa antes disso e depois disso. E este é um passo em frente muito grande e obriga à própria formação das pessoas.

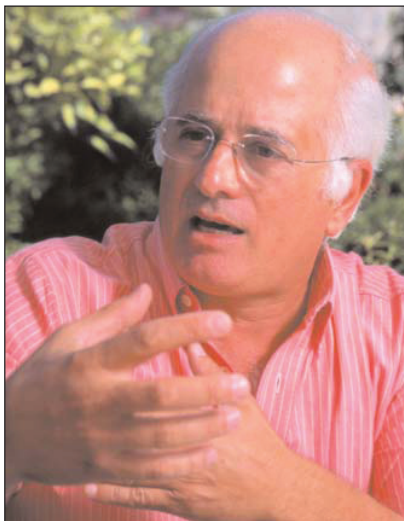
São dois aspectos muito concretos do que também fazemos.

**Pedra & Cal:** Outro dos projectos da APAC passa por construir um *site* específico sobre Castelos e Fortalezas...

**F.S.L.:** É verdade! Trata-se de um projecto algo ambicioso. Temos de fazer algumas parcerias, se calhar com as universidades e também com as autarquias para levar isto para a frente. É um projecto difícil porque há muita informação que circula em livros e em documentos que não está correcta. Considero uma enorme responsabilidade colocar dados na Internet. O que for posto tem de ser dotado de conhecimento científico, actualizado e correcto. E isso está-nos a atrasar e a fazer com que demore mais tempo a lançar o *site*.

Esse *site* também prevê espaços para a opinião das pessoas que visitam os castelos. Estas pessoas podem dar pontuações aos monumentos. Nós queremos montar o sistema de forma a que no fim do ano, nós possamos premiar as entidades que tem o património mais bem conservado e chamar à atenção aqueles que têm as coisas menos bem conservadas. Uma espécie de prémio limão e laranja. Acho que isso é muito estimulante.

**Pedra & Cal:** Enquanto Presidente da APAC, quais considera serem os problemas com que se debate o Património português?




*Temos que aprender todos a fazer uma cadeia de decisões e de planeamento, apelar aos níveis intermédios e ter, de preferência, pessoas muito competentes lá "em cima".*

**F.S.L.:** Em Portugal, não temos uma cultura de previsão, de planeamento a prazo. O que é que acontece? Nós não fazemos os projectos com antecipação. Portanto, as autarquias e as entidades competentes andam a fazer investimentos apressados porque as verbas europeias, os fundos europeus, têm prazos muito curtos e como não temos os projectos feitos com antecedência, na maioria dos casos, o que se passa é que se arranjam projectos da facilidade. O que está a acontecer em Portugal começa a ser grave. São projectos para gastar dinheiro e tentar dar um jeitinho, mas não se vai ao fundo das questões. Por outro lado, temos uma enorme carência de técnicos especializados em restauro. A maior parte da formação das es-

colas de arquitectura são orientadas no sentido do projecto. Temos bons arquitectos para projectos mas para restauro, as filosofias são completamente diferentes e nós temos assistido a intervenções muito más em castelos e fortalezas, porque são intervenções muito intrusivas. Ora o que se pretende é exactamente o contrário, por isso a APAC tem desenvolvido todos os esforços para fazer passar esta mensagem.

Outro problema passa pelo défice nas cheias intermédias que muitas vezes não assumem as suas responsabilidades e passam o problema para cima. Temos que aprender todos a fazer uma cadeia de decisões e de planeamento, apelar aos níveis intermédios e ter, de preferência, pessoas muito competentes lá "em cima". Como é que nós vemos que isto não está bem? Porque isto se repete por todo o país. Mesmo os programas de nível regional e autárquico, têm os mesmos vícios dos programas feitos pelos departamentos de Estado. E, portanto, neste momento, o problema não é os castelos estarem abandonados, o problema é os projectos que estão a ser feitos, muitos deles não são adequados ou não são os mais necessários. E também há os castelos abandonados mas já não há muitos porque os castelos estão muito na moda. Não há autarca nenhum que não queira pôr a mão num castelinho e isso é bom. Mas depois é preciso conciliar esse desejo.

**Pedra & Cal:** Por falar em desejo, como é que gostaria de ver a APAC daqui a 20 anos?

**F.S.L.:** Bem, eu gostaria de ver o sistema que está a ser montado caminhar por si próprio. Existem áreas que já funcionam em "automático". O que procuro é criar áreas em automático e depois ir canalizar a minha atenção para as áreas novas. 

Entrevista realizada por  
ALEXANDRA ABREU .